

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Journal do Brasil

CLASS. : Kaiapó

DATA : 9 3 92

PG. : Ecol. 6



Numa sala escura, destacam-se os desenhos do falecido Wajanga (pajé) Kwiraka e do pajé Beptopup, ainda vivo e muito respeitado na aldeia Gorotite: cada traço revela o mundo cosmológico da tribo

CAIAPÓ

A história de um povo antigo que domina a ciência da preservação

Ronaldo Brasiense

BELÉM— Os índios caiapó viviam no céu. Guerreiros e sábios, um dia descobriram que havia uma imensa floresta verde, com muita fartura, num planeta longínquo. Durante uma caçada, um bravo guerreiro cavou um buraco atrás de um tatu e viu o verde amazônico. Houve, então, um eclipse solar e os caiapó desceram à terra num facho de luz. Os que tiveram medo de descer permaneceram no céu. Hoje são as estrelas. *A Ciência dos Caiapó: Alternativas Contra a Destruição*, a mais completa exposição feita sobre os índios caiapó que habitam os estados do Pará e Mato Grosso, chega em maio ao Paço Imperial, como parte dos eventos culturais em torno da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

De 21 de maio a 23 de agosto, ecologistas, chefes de Estado, turistas e cariocas que comparecerão à Rio-92 poderão ter contato com o puro conhecimento indígena, filtrado pela ciência na própria região onde foi coletado, e retratado segundo a técnica mais moderna da museografia e da educação em museus. O projeto da exposição foi exaustivamente discutido na Casa do Guerreiro, na área indígena Gorotite, onde os caciques Kanhonk Caiapó e Totoi Caiapó — com seus principais líderes — integraram-se por dois meses ao Departamento de Museologia do Museu Emílio Goeldi, servindo como consultores permanentes da mostra. A própria denominação da exposição, que cita em todo o seu circuito os *Mebêngôkre* (povo do olho d'água), foi uma maneira encontrada para homenagear os caiapó, divulgando a expressão com a qual se autodenominam.

"A exposição Caiapó é um retrato da Amazônia de hoje", afirma a mestra em museologia Denise Hamu, vice-diretora de divulgação científica do Museu Emílio Goeldi e coordenadora-geral da exposição. "É o produto de um estudo multidisciplinar sobre os índios caiapó, desenvolvido durante os últimos 10 anos por 25 pesquisadores de diversas áreas de especialização", acrescenta. Antropólogos, linguistas, zoólogos, entomólogos, botânicos, geógrafos, médicos e astrônomos mergulharam durante anos na busca do saber etnobiológico dos caiapó e de sua importância para a humanidade, num projeto coordenado pelo etnobiólogo Darrell Posey.

A exposição pretende proporcionar uma jornada através do tempo no mundo dos índios caiapó — habitantes da margem esquerda do rio Fresco, no sul do Pará. A ciência dos caiapó é um sistema integrado de crenças e práticas. O evento apresentará uma pequena amostra do saber indígena, a partir da experiência dos caiapó em seu contato com a natureza, e se propõe a oferecer novas direções de pesquisa à ciência ocidental, além de alternativas contra a destruição da Amazônia.

A exposição caiapó recebeu financiamento da WWF (US\$ 50 mil), Fundação Ford (US\$ 50 mil) e governo do Pará (CR\$ 33 milhões). Após deixar o Rio de Janeiro, deve seguir um longo roteiro que inclui países como Itália, França e Estados Unidos. "Não nos propusemos a apresentar apenas uma exposição exótica e bonita", afirma Denise Hamu. "Queremos, sim, passar o conhecimento dos índios para o mundo, mostrando sua relação com os diversos ecossistemas preservados ao longo de milhares de anos", concluiu.



Rogério Reis

Exposição revela um mundo mágico

Ao ingressar na exposição *A Ciência dos Caiapó: Alternativas Contra a Destruição*, o visitante iniciará uma viagem que começa numa sala escura, cuja porta de entrada ostenta uma imensa cabeça. Este objeto contém a noite do *Nhyby-riwãnh* (o dono da noite), representada pelo escuro de uma sala circular coberta de desenhos nas paredes, teto e piso, onde o visitante será levado a conhecer o mundo cosmológico dos caiapó. Através de elementos da sala estará representado o mito da descida dos caiapó ao que hoje chamamos Amazônia. Cada elemento selecionado aponta para a origem dos caiapó, incluindo o momento em que, durante um eclipse total do Sol, aquele povo desceu à terra através de um buraco no céu.

Na sala escura, se destacarão desenhos reproduzidos do falecido *Wajanga* (pajé) Kwiraka e do pajé Beptopup — ainda vivo e muito respeitado na aldeia Gorotite. Na cortina de saída da sala, um círculo branco desenhado representa o buraco que liga o mundo invisível ao visível, através dos quais os *Wajanga* passam à realidade. "Na sala escura, os círculos representam o mundo dos caiapó. Cada círculo tem um significado distinto relacionado com as aldeias, os animais e a floresta", explica Denise Hamu.

Na sala seguinte, o visitante poderá ver em exposição a peça plumária *Bepkororoti* — que significa as passagens para a vida caiapó, onde se chega às antigas aldeias indígenas devidamente ambientadas. Ali também estarão à mostra peças coletadas entre os caiapó por pesquisadores do Museu Emílio Goeldi desde o início do século. Textos e fotos complementarão a sala nessa transição para o mundo real.

Do imaginário ao passado, o visitante prossegue sua viagem rumo ao cotidiano dos caiapó, onde o eixo norteador é a ciência orientada pelos períodos de chuva e seca através de um calendário ecológico. "Os índios caiapó sabem que quando um determinado pássaro começa a cantar chegou a hora de plantar ou que, quando uma árvore começa a florir, é tempo de realizar suas festas tradicionais", ensina o etnobiólogo Darrell Posey, curador científico da exposição. Em Gorotite, os caiapó escolheram como seus indicadores celestes as estrelas no momento mais próximo do nascer do Sol.

Mais adiante, na exposição, através de um diorama da floresta — com sons de animais e água — conceitos como etno-medicina, etno-pedologia, modelos cognitivos, ecossistemas e outros serão repassados de maneira didática e atraente aos visitantes. Nesse estágio, abre-se a possibilidade do visitante entrar, através de uma "trilha na floresta", na sala interativa onde objetos, jogos e vídeos poderão ser manipulados pelo tempo desejado.

Chega-se, enfim, à sala do *Mekuton*, objeto-síntese da exposição, onde se tem uma releitura da sala da descida dos caiapó à Terra. "As imagens falarão por si. Cada um poderá fazer uma leitura individual do show de imagens e concluir por alternativas pessoais, com base nas experiências vivenciadas ao longo da exposição", diz Antonio Carlos Lobo, um dos coordenadores da exposição. A mostra exhibe ainda a realidade caiapó atual, onde eles atuam na exploração madeireira e garimpos, uma dura situação pós-contato com o homem branco, dito civilizado.

O líder Boipendi (acima), da aldeia Kikretun, encarna o saber transcendental dos caiapó, povo que se equilibra entre os mundos visível e invisível. A peça etnográfica 'Mekuton' (abaixo, à esquerda, ao lado de 'Tocado' e 'Coifa') simboliza o universo, de onde o povo teria descido durante um eclipse



Fotos de Janduari Simões